

A escrita de vivências e sua relação com a formação de lideranças femininas negras no Brasil

Daiany Silva (UEM)*
ORCID 0000-0002-1897-9777

Resumo: A narrativa elaborada por Conceição Evaristo em sua trajetória intelectual ilumina o debate sobre a interseccionalidade entre gênero e raça, além de revelar questões sobre os processos de envelhecimento e as relações de poder que permeiam a construção das lideranças femininas. Tendo em vista essa perspectiva que a narrativa da autora nos traz, apropriado o seu conceito de escrevivência como um recurso etnográfico, por meio de uma breve discussão teórica e metodológica que busca compreender em que medida a escrita de vivências pode se relacionar com a formação de lideranças femininas negras no Brasil.

Palavras-chave: Gênero; Envelhecimento; Escrevivência; Etnografia

Abstract: The narrative elaborated by the writer Conceição Evaristo in her intellectual trajectory illuminates the debate about the intersectionality between gender and race in addition to revealing questions about the aging processes and the power relations among the construction of female leaders. Considering this perspective that the author approaches, I appropriate the concept of “escrevivência” as an ethnographic resource, through a brief theoretical and methodological discussion that seeks to understand to what extent the writing of experiences can relate to the formation of female leaders in Brazil.

Keywords: Gender; Aging; Escrevivência; Ethnography

Resumen: La narrativa elaborada por Conceição Evaristo en su trayectoria intelectual ilumina el debate sobre la interseccionalidad entre género y raza, además de revelar interrogantes sobre los procesos de envejecimiento y las relaciones de poder que permean la construcción de mujeres líderes. Ante esta perspectiva que nos brinda la narrativa de la autora, me apropio de su concepto de escritura como recurso etnográfico, a través de una breve discusión teórica y metodológica que busca comprender en qué medida la escritura de experiencias puede relacionarse con la formación de líderes negros mujeres en Brasil.

Palabras-clave: Género; Envejecimiento; Escrevivência; Etnografía

Recebido em: 31 mar. 2021 | Aprovado em: 29 abril 2021

* Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: daianycriss@gmail.com.

A narrativa elaborada por Conceição Evaristo em sua trajetória intelectual ilumina o debate sobre a interseccionalidade entre gênero e raça, além de revelar questões sobre os processos de envelhecimento e as relações de poder que permeiam a construção das lideranças femininas. Tendo em vista essa perspectiva, dada pela narrativa da autora, me apropriado do seu conceito de escrevivência como um recurso etnográfico, por meio de uma breve discussão teórica e metodológica que busca compreender em que medida a escrita de vivências, proposta pela autora, está relacionada à formação de lideranças femininas negras no Brasil.

Essa abordagem de produção intelectual nos lembra dos pluralismos vivenciados nos processos sociais. Emergente dos movimentos populares e da oralidade, a escrevivência pode ser lida, conforme destaca a própria Conceição Evaristo (2009), como um conceito em que a escrita e o viver se (con)fundem. Desse modo, compreende-se que as trajetórias das escritoras se tornam tão importantes quanto o conteúdo que as suas escritas evocam, pois é a vivência cotidiana que determina esse conteúdo.

Nesse sentido, reconhecer que essa abordagem de produção intelectual releva nuances do cotidiano social permite a aproximação do conceito de escrevivência à etnografia. Esse interesse em aproximar o fazer etnográfico à escrevivência passou a ser interessante quando realizei uma pesquisa sobre a participação social e política de mulheres idosas. Percebi que as trajetórias intelectuais de mulheres negras demonstram como a escrita de vivências pode impactar na organização social e política dos grupos em que essas autoras são consideradas referências.

Foi possível perceber que a escrita de vivências femininas reconstrói a história social e demonstra como a memória feminina é um instrumento atento a detalhes dos processos sociais que permeiam diversas peculiaridades da vida, haja vista que os registros de suas perspectivas informam sobre questões cruciais para a vida em sociedade e, por essa característica, a escrevivência torna-se um importante recurso etnográfico. Essa perspectiva metodológica, que o conceito de escrevivência trouxe ao meu trabalho como antropóloga, só foi possível quando, no ano de 2018, a Festa Literária de Maringá (FLIM) nomeou Conceição Evaristo como patrona.

Dessa maneira, o presente artigo dispõe da seguinte ordem de apresentação: no primeiro momento, relato esse encontro com Conceição Evaristo, possibilitado pelo pré-lançamento da FLIM, buscando apresentar como esse momento proporcionou uma abertura metodológica para a pesquisa com mulheres idosas. Em segundo momento, debato sobre como a escrita de vivências pode impactar na organização social e política, transformando intelectuais em lideranças e, por fim, elaboro as considerações finais.

O encontro com Conceição Evaristo e a abertura dos caminhos metodológicos da pesquisa com mulheres idosas

No dia 18 de outubro de 2018, foi anunciado pela Prefeitura de Maringá (PR), cidade em que residia, o pré-lançamento da FLIM, em que Conceição Evaristo estaria presente. Quando recebi a notícia, tive a esperança de entrevistar a escritora, já que as interlocutoras da pesquisa que desenvolvia no momento eram, justamente, mulheres com 60 anos ou mais e que mantiveram uma vida pública ativa, antes e durante o processo do envelhecimento. Minha expectativa foi atendida, de certo modo, pois consegui presenciar um breve encontro com a escritora.

Aquele foi um dia pouco propício para se fazer pesquisa de campo, pois havia um chuveiro, uma ventania teimosa, árvores caídas pelas ruas e no campus universitário. A energia elétrica do bairro em que eu morava sofria quedas e, em razão das árvores que

obstruíam as ruas, não havia ônibus de acesso ao centro da cidade. Significa, portanto, que as chuvas causaram um grande transtorno em Maringá (PR).

Os jornalistas da região não foram cobrir a vinda de Conceição, exceto um colega Cientista Social que trabalha em uma emissora de rádio. Ele me informou sobre a coletiva que aconteceria antes do evento de pré-lançamento da FLIM. Acredito que as chuvas e árvores caídas pela cidade tomaram todo o tempo da imprensa local e, diante disso, podemos inferir o quão relevante a presença da autora foi, para os canais de comunicação. Contudo, esse desdém abriu espaço para que militantes, fãs e admiradores de Conceição, que estavam à espreita de um lugar na coletiva de imprensa, pudessem ter uma conversa com a escritora, ou seja, a coletiva de imprensa se transformou em um diálogo coletivo, no qual pude estar presente.

Alguns estudantes de graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), responsáveis pela edição de um jornal acadêmico, conduziram boa parte da conversa e, com a ajuda de uma câmera semiprofissional e um bom roteiro de entrevista, eles mediarão o nosso diálogo. Naquele momento, deixei de lado meu gravador e me concentrei em ouvir tudo o que a autora tinha para nos dizer, intervindo ocasionalmente. Percebi que teria acesso apenas ao discurso público de Conceição e que não seria direcionado por minhas questões de pesquisa, mas aquele momento se mostrou pertinente para o conhecimento da trajetória intelectual da escritora.

Entre relatos emocionados sobre a admiração que todos nutriam pela autora e questões curiosas, Conceição nos contou um pouco sobre suas perspectivas em relação ao processo de criação e sistematização de uma obra. A literata afirmou ter como projeto mostrar no texto uma realidade cotidiana, permeada por suas vivências e posições políticas.

Foi perceptível a curiosidade dos presentes em saber se existiam histórias reais na obra da escritora. Uma das primeiras questões dos acadêmicos foi relacionada aos seus personagens e se eram histórias que a autora presenciou, demonstrando que há um elemento característico na obra de Conceição, constituído por uma narrativa baseada no dinamismo da vida. Nas palavras da autora,

Tudo que eu escrevo, que pode ser um trabalho literário, um conto, uma poesia, um romance, ou uma pesquisa, é profundamente marcado pela minha condição de mulher negra brasileira. A minha subjetividade comanda as minhas escolhas, eu vou escolher que tipo de história eu quero contar, que personagens eu vou levar pro texto, então é um trabalho ficcional sim, mas é um trabalho que tem também essa escolha ideológica, desde as palavras com que eu construo o texto, como o enredo e o tipo de personagem que eu quero criar.

(Conceição Evaristo, Maringá – PR, 18/10/2018)

Essa concepção de produção literária é a *escrevivência*, descrita como o processo de elaboração de textos literários que denota um conteúdo político e ideológico na construção de narrativas baseadas em vivências sociais e, no caso de Conceição Evaristo, na vivência de mulher negra brasileira.

Conhecer o conceito de *escrevivência* durante o desenvolvimento de uma pesquisa foi, para meu ofício como Cientista Social, um importante passo para a definição de uma metodologia pertinente ao estudo com mulheres idosas. Compreendo que conhecer os percursos cotidianos das pessoas é uma forma de visualizar como as ações individuais tornam-se decisivas no estabelecimento das estruturas sociais e, assim como afirma o sociólogo Georg Simmel (1979;2006), seria necessário observar os percursos cotidianos de trajetórias individuais. Para cumprir essa perspectiva, escolhi a pesquisa com mulheres

idosas e os relatos de experiências como processo de recuperação de memórias.

Por ocuparem espaços distintos na sociedade, as mulheres constituem suas lembranças também de maneiras distintas. Há aquelas que, tanto na memória oral, quanto na escrita, como demonstra Perrot (1989), criam versões da vida familiar, constituindo uma história semioficial. Há também aquelas que, como afirma Collins (2016), apresentam, na comunicação oral e na autodefinição de sua história, o contar de suas trajetórias como um ato político. Em ambos os casos, “a visão feminina da história incorpora a categoria gênero na produção científica e aponta para uma sexualização da experiência humana no discurso” (RAGO, 1998, p. 2).

Desse modo, refletir sobre os significados e representações do papel social desempenhado pela mulher durante o curso da vida nos permite observar nuances da conjuntura das sociedades contemporâneas e, portanto, analisar memórias é uma maneira de sistematizar lembranças que identificam processos sociais bem definidos, principalmente quando se trata de relatos de experiência de pessoas idosas. Pois, ao atravessarem um determinado tipo de sociedade com regulações culturais bem demarcadas, as suas lembranças evidenciam o modo de vivência de uma geração (BOSI, 1994).

No caso da pesquisa construída com mulheres idosas, podemos aproximar a escrevivência da escrita etnográfica, possibilitando uma melhor apreensão das escolhas tomadas por mulheres de mais idade e a relação geracional que cada história individual pode expressar sobre as condições sociais que viveram coletivamente. Dada essa possibilidade, esse conceito influenciou minha escolha metodológica e contribuiu na análise dos relatos de minhas interlocutoras, principalmente no que se refere à uma das trajetórias que mais adiante trataremos, a de Elena¹, mulher negra, militante LGBTTTI², que fez parte da minha pesquisa.

No que se refere às mulheres idosas negras, é importante destacar que, como a fusão entre escrevivência e etnografia possibilita a análise de significados denotados pelas próprias interlocutoras sobre a vida em sociedade, a trajetória de Conceição nos relava questões relevantes sobre a vida pública dessas mulheres. Destacamos o fato de que a publicação da obra de Conceição ocorreu tardiamente, uma de suas obras mais aclamadas, “Becos da Memória”, ficou “engavetada durante 20 anos” (OLIVEIRA, 1996, p. 621). Isso indica que a aclamação de uma obra desse tipo emerge num contexto de valorização das narrativas da população negra na atualidade mas, para alcançar essa valorização, precisou ser veementemente difundida e fortalecida pela divulgação do Movimento Negro Brasileiro entre seus militantes, com publicações independentes entre os anos 1970 e 1980, e que alcança o público em geral vários anos depois, em edições de grandes editoras (SOARES, 2016).

A trajetória intelectual de Conceição, bem como de outras estudiosas de destaque no Brasil, como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, indica que o reconhecimento como liderança pode ser tardio, chegando apenas na velhice, como é o caso de Conceição. Esse lugar de destaque acontece mediante o novo lugar do Movimento Negro Brasileiro contemporâneo, em razão da rede criada por esse movimento, especialmente pelas feministas negras.

Ao observar que a escrevivência é um artifício de escrita ficcional que se torna um retrato da vida cotidiana, reconheci que o fazer etnográfico também pode ser resultado da coleção de experiências sociais de pesquisadores e interlocutores, e isso possibilita que a

¹Utilizo nomes fictícios para preservar o anonimato das participantes da pesquisa.

²A sigla LGBTTTI se refere a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexo, de acordo com a denominação indicada pela Associação Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT).

escrita etnográfica se aproxime da realidade das pessoas que compõem o objeto de pesquisa. Esse movimento pode revelar muito mais sobre a questão de pesquisa, como veremos a seguir, já que o diálogo teórico com Conceição possibilitou dimensionar premissas que formam uma liderança feminina negra no Brasil.

A formação de uma liderança negra no Brasil

À frente de um movimento que renova e pondera discursos científicos, pensadoras como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez questionam concepções que foram cristalizadas por correntes clássicas do conhecimento, como os estereótipos de personagens negros, o mito da democracia racial e a universalização da concepção de gênero. Essa renovação só é possível em razão do posicionamento que essas mulheres apresentam ao escrever sobre as suas vivências, possibilitando a criação de novos conceitos que representam o contexto social brasileiro.

A definição de conceitos promovidos por autoras negras pode fornecer um novo “quadro de referência ideológica” (COLLINS, 2016, p. 111), pois apenas a presença da escrita de mulheres negras é que pode chamar a atenção para diversos domínios inexplorados por autores canônicos. Isto é, na medida em que essa escrita possui um forte teor biográfico pessoal e cultural, não hegemônico, ocupando um espaço na formação do pensamento social, um sentido subversivo é denotado dessas avaliações da realidade social, além de proporcionar um referencial de visão de mundo, aproximando-se de grupos invisibilizados e colaborando na elaboração de sua organização social.

Formar essas redes de referência ideológica se mostra como um importante instrumento de organização para o Movimento Negro Brasileiro e, em grande medida, intelectuais como Conceição, Lélia e Sueli tornaram-se grandes lideranças nacionais para a população negra, na medida em que se consolidaram como referenciais teóricos. Vê-se como um grande exemplo desse movimento, na atualidade, a projeção do nome de Djamila Ribeiro no cenário nacional. A partir da divulgação de produções acadêmicas e suas discussões sobre lugar de fala (RIBEIRO, 2017), a filósofa pode participar de programas de alcance nacional, publicar livros e coordenar selos editoriais, como o selo Sueli Carneiro, lançado pela editora Boitempo.

Essas autoras são representadas como referências ideológicas e não produzem apenas um recurso de ordem discursiva, sobretudo, demonstram que a produção de conhecimento está localizada sobre corpos específicos que, ao se formarem como intelectuais, impactam consideravelmente nas nossas visões de mundo e aquecem a organização social dos seus grupos de origem. Nesse sentido, é possível afirmar que a obra de Conceição, assim como a ciência produzida por Lélia e Sueli, não só consolida uma corrente intelectual como apresentam essas mulheres como lideranças nacionais de todo um movimento sociocultural.

Quando nos atentamos para o significado do conceito de escrevivência, que Conceição Evaristo apresenta para o contexto social, percebemos que a escrita para mulheres negras é um ato político. Ao demarcar que assume o compromisso de escrever histórias cuja perspectiva da população negra é valorizada, a autora busca, como prática política de intervenção social, subverter os estereótipos que se tornaram consenso na cultura brasileira.

Subverter estereótipos é uma das grandes características da “teoria feminista de mulheres negras, e mediante a uma postura crítica da realidade elas questionam consensos e constroem um ponto de vista que enriquece a perspectiva científica. Essa postura só é possível pois, como intelectuais marginais” (COLLINS, 2016, p. 101) essas mulheres

possuem uma vivência marcada pela desigualdade social cotidiana e esse olhar é o que dinamiza os fundamentos teóricos.

Quando tive a oportunidade de conhecer Conceição, a maior lição que aprendi naquele encontro foi perceber que a concepção de feminismo com que havia me habituado estava muito distante do que ela pode me apresentar. A escritora relatou a sua vivência feminista como uma prática cotidiana, emergente da necessidade de sobrevivência. Transcrevo, a seguir, a fala de Conceição sobre o tema de forma mais prolongada, pois acredito que apenas as suas palavras seriam pertinentes para apresentar esse ponto de vista:

[...] ser feminista foi um processo que eu aprendi na prática, mas dentro de casa. Por quê? Porque eu acho que a própria luta das mulheres negras, das mulheres das classes populares, a nossa maneira muitas vezes de se portar na vida, ela já traz uma afirmativa da nossa condição como mulher, não só uma afirmativa, mas ela já traz táticas de sobrevivência, de nossa sobrevivência numa sociedade patriarcal, numa sociedade racista. Tem uma história que eu acho, eu acho não, com certeza é uma atitude feminista dentro da minha família, e que essa história, se a gente for, por exemplo, estudar a história do feminismo no Brasil, nós não vamos encontrá-la. Minha mãe é de uma região, que hoje tem o aeroporto de Belo Horizonte, Aeroporto Internacional Confins. Minha mãe é de 1922, ela nasceu em outubro de 1922, semana da arte moderna, e a minha tia mais velha, era de 1911. Quer dizer, são mulheres que a juventude delas aconteceu mais ou menos de 40 a 50 anos, talvez menos até, do que a assinatura da Lei Áurea, em 1888. Essa história que elas narram é de mais ou menos dos anos 20 até 30. Então, nesse momento, mulheres do interior de Minas, que já tinham inclusive uma prática de trabalhar na lavoura, porque muitas vezes a gente acha que, na escravização, as mulheres todas trabalhavam dentro da casa grande, não, as mulheres também trabalhavam na rua, elas trabalhavam no plantio, são mulheres que já tinham essa tradição de trabalho. Então, nesse momento, mais ou menos nos anos 20, nessa região de Pedro Leopoldo, os fazendeiros não queriam dar trabalho para as mulheres porque achavam que o trabalho das mulheres rendia muito pouco em relação ao trabalho dos homens. E o que essas mulheres fizeram? Essas mulheres começaram a trabalhar em mutirão, juntas, elas aravam a terra, plantavam, semeavam, colhiam... Até que chegou um momento em que os fazendeiros perceberam que o trabalho dessas mulheres rendia tanto quanto ou mais do que o trabalho dos homens. Então, nós temos aí, mulheres, no interior de Minas, nos anos 20, criando táticas de enfrentamento ao poder patriarcal e branco local, o que quer dizer que essas mulheres, no cotidiano, pela própria força de sobrevivência, tiveram um enfrentamento. Essas mulheres se construíram como grupo e coletividade para enfrentar o poder local, essas mulheres descobriram práticas feministas para enfrentar os homens. Essa história não está escrita na história do feminismo no Brasil, como a história, por exemplo, da própria ditadura e seus enfrentamentos, ela é sempre escrita a partir do ponto de vista de uma classe média, das mulheres letradas. A história do povo, o que o povo protagoniza, normalmente, não está escrito. Então, é disso que eu falo quando eu digo que a minha prática feminista eu aprendo na própria luta pela sobrevivência. [...] o nosso feminismo nasce de um outro lugar social, ele nasce por outros motivos. Nós encontramos outras táticas de sobrevivência sem teorizar, acho que qualquer uma de nós que pararmos para olhar o que nossas avós e

bisavós fizeram percebemos atitudes que elas tomaram contra o sistema sem nunca ter feito um discurso sobre o feminismo. (Conceição Evaristo, Maringá, 18/10/2018)

Conceição retrata, nessa fala, uma perspectiva de quem sobrevive em uma sociedade patriarcal e racista, pontuando suas táticas de sobrevivência que possuem um conteúdo de resistência e subversão dessas desigualdades. O olhar da escritora é marcado por sua condição de mulher negra brasileira, como ela própria afirma, que herda uma conduta feminista incentivada pelos desafios cotidianos da sua vida em sociedade.

Quando cruzamos a biografia e a história, criamos a oportunidade de compreender a relação entre ambas, o que se torna mais significativo e esclarecedor quando isso aponta para um distanciamento da história formal (MILLS, 1969). Conceição argumenta que há capítulos do nosso contexto histórico que não chegaram até os bancos das universidades e tampouco iluminaram as análises sobre a nossa sociedade, o que demonstra a relevância de conhecer as biografias das pessoas que produzem a história. No caso de Conceição, o exemplo acima exprime uma história oral, rica de significados sobre o nosso contexto cultural, político e econômico.

De acordo com os apontamentos de Conceição, é perceptível que “a história do feminismo no Brasil não foi escrita por mulheres negras e, portanto, não possui relatos como de Conceição, a historiografia brasileira pouco se deteve na história da construção do gênero, em especial em sua conjugação com raça” (CARNEIRO, 2018, p. 155). Desse modo, é pela oralidade que as mulheres negras narram suas trajetórias e ensinam, umas para as outras, seus meios de sobrevivência e resistência e se tornam referências de visões de mundo e atuação na vida social e política. E, como pudemos perceber na fala de Conceição, para algumas mulheres, principalmente as negras, suas trajetórias são profundamente marcadas por práticas feministas na cotidianidade, portanto, são políticas.

Nota-se, no relato acima, que Conceição busca recuperar uma memória que “restitui a história que não foi escrita e busca construir uma consciência de um lugar desconhecido e encoberto” (GONZALEZ, 1984, p. 226), mobilizando um discurso que colabora na compreensão das opressões e na ativação da memória e consciência de um povo que é esquecido pela cultura racista e sexista que desconsidera a sua capacidade de agência.

Quando esses fatos e acontecimentos, narrados pela oralidade, tomam forma em espaços como a Arte e a academia, eles reafirmam a perspectiva de mulheres negras e organizam novos referenciais para se pensar as mulheres brasileiras como um todo, pois trazem para o centro da análise os processos sociais que foram desconsiderados, em razão da ausência da pluralidade de perspectivas. Esse contexto da formação intelectual possui um forte impacto em nossa construção como sociedade, principalmente com relação à organização política de determinados grupos sociais.

Não obstante, a pluralidade de perspectivas não se refere ao movimento de lidar com diferenças de opinião, crenças e valores, mas ao reconhecimento de que corpos e experiências vividas carregam esses elementos, pois, é a presença desses corpos que causa impactos materiais (PHILLIPS, 2001). Desse modo, poderíamos nos questionar aqui, se as ideias, como referencial teórico e político, são consolidadas apenas pelo teor intelectual, disciplinar, ou podem ser qualificadas pelo conteúdo político dos corpos que as carregam.

Segundo o sociólogo Karl Mannheim (1982), o pensamento social constitui um complexo dificilmente dissociável, quer das raízes psicológicas dos impulsos emocionais e vitais a ele subjacentes, quer da situação em que teve origem e que procura solucionar. Nesse sentido, é preciso compreender o pensamento situado no contexto concreto de sua situação social. Desse modo,

[...] não são os homens em geral que pensam, nem mesmo os indivíduos isolados, mas os homens dentro de certos grupos que elaboram um estilo peculiar de pensamento graças a uma série interminável de reações a certas situações típicas, características de sua posição comum. (MANNHEIM, 1982, p. 98)

O compartilhamento de uma posição social colabora para que pensadores organizem o pensamento de um modo singular, que condiz com as características do seu grupo de origem. Esse fator contribui para que a teoria feminista de mulheres negras construa, conforme argumenta Collins (2016), uma significação sociológica específica, constituída de um conteúdo temático indissociável da estrutura de pertencimento social. Nesse sentido, a abordagem feminista de mulheres negras apresenta duas principais características:

1) a ênfase na interdependência entre opressões interligadas (como, por exemplo, a intersecção das seguintes categorias: gênero/raça, classe social/raça, gênero/raça/classe social), e, 2) o contexto das escolhas que movem as ações das mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 114).

Considerando essa perspectiva, torna-se compreensível a postura de Conceição Evaristo de ressaltar como o seu trabalho é demarcado pela sua condição de mulher negra.

Esse movimento intelectual é perceptível, também, nas análises de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro. Ambas interpelam as teorias sociais canonizadas e demonstram que a formação cultural, política e social brasileira está fundamentada em opressões que possuem um caráter interdependente. Desse modo, possuem a perspectiva de quem é tocada pelos atravessamentos dessas opressões. Assim como Conceição, as duas pensadoras possuem uma posição social em comum: são mulheres negras que emergiram das classes populares, militância política marcante no movimento negro, além do desempenho combativo na construção de análises sobre a sociedade brasileira, que as tornam referências para mulheres do movimento.

A publicação e divulgação das produções teóricas dessas autoras concentram-se em canais construídos pelo movimento negro. Recentemente, essas autoras, mulheres negras, têm obtido espaço em canais de grande circulação, resultado do trabalho dos movimentos sociais que as acompanham e as colocam em evidência, o que gera o interesse nesses grandes canais em divulgá-las.³

As autoras são consideradas referenciais teóricos para as organizações sociais a que pertencem, por meio de canais independentes de divulgação. Os canais oficiais ou tradicionais não são a fonte inicial de valorização da produção dessas mulheres. Esse movimento revela que, além da maneira de produzir o conteúdo das obras de escritoras negras, os meios de divulgação e o modo como esse material chega até as mãos de pensadores e militantes também é subversivo, o que demonstra uma forma singular de construção intelectual.

Como um ato político, essas pensadoras reivindicam seu espaço de fala e assumem o compromisso de falar por si próprias. Lélia Gonzalez, no texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, ressalta esse posicionamento quando escreve em primeira pessoa, no

³ Em 2018, Djamila Ribeiro lançou o “Selo Sueli Carneiro”, que coordena. O objetivo do selo é a publicação de trabalhos de escritoras negras, sobretudo, brasileiras, latino-americanas e caribenhas, cujas produções foram invisibilizadas. Além de coordenar selos como esse, os trabalhos de Djamila são profundamente influenciados por autoras como Sueli Carneiro.

singular e plural, demarcando que fala sobre a perspectiva de sua vivência e de todas as mulheres negras brasileiras. Como afirma a antropóloga: “o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 1984, p. 225).

Assumindo a sua condição social, Lélia Gonzalez possui uma escrita irônica e debochada, que articula os argumentos dos racistas para situar o debate e utiliza palavras do vocabulário coloquial. É um artifício para aproximar a linguagem de seus textos ao “pretuguês”, expressão utilizada pela antropóloga para demarcar que a linguagem coloquial, dita como errada, é originada em línguas de matrizes africanas (GONZALEZ, 1984). É perceptível o esforço da autora em se colocar como sujeito do texto que apresenta, o que parece ter como intuito buscar legitimidade para os seus argumentos diante da reafirmação de suas perspectivas.

Sueli Carneiro possui uma postura parecida e, embora não seja tão irônica em suas afirmativas, se utiliza da narrativa em primeira pessoa do plural, em momentos pontuais, como recurso para se colocar como parte do objeto de análise. Em seu texto “Gênero e raça na sociedade brasileira”, destaca que “o feminismo negro construído no contexto de sociedades multiculturais e pluriculturais tem como principal eixo articulador, o racismo e o seu impacto sobre as relações de gênero” (CARNEIRO, 2018, p. 169).

Inspiradas pelo desejo de construir um conhecimento que visibilize a experiência de mulheres negras, o pensamento feminista mobilizado pelas autoras se constitui por um conjunto de “experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade. Esse ângulo, envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem” (CARNEIRO, 2018, p. 184).

Os conceitos criados por Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez ao relacionar a interdependência de raça, classe e gênero ampliam os instrumentos de análise social e qualificam o debate sobre a ação e organização das mulheres. Esses conceitos são desenvolvidos no processo de escrita de vivências que essas autoras desempenham e, portanto, tornam-se referências para mulheres que compartilham processos semelhantes aos que elas representam.

Diante dessa exposição breve e exploratória sobre as características dessas pensadoras brasileiras, negras e feministas, é possível compreender que essa discussão teórica é permeada por fatores interdependentes, principalmente a organização política na luta contra as desigualdades, seguido da criação de novos referenciais analíticos para se pensar questões sociais proeminentes à sociedade brasileira.

Acredito que o surgimento de intelectuais como Conceição Evaristo, Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez é a expressão de um movimento de luta social que busca firmar uma visão de mundo que questiona o sistema vigente e, assim, incentiva uma melhor organização política e social de seus grupos de origem, além de interferir no modo como diferentes gerações buscam influenciar o meio em que vivem, seja pela luta política, ou pela produção de conhecimento científico.

As trajetórias de práticas políticas e intelectuais de feministas negras possuem um forte impacto sobre a organização de mulheres. A consolidação de um discurso teórico, promovido pelas redes de divulgação e organização do Movimento Negro, fez das intelectuais, citadas neste texto, referências para as mulheres que compartilham da mesma condição social. A trajetória de Conceição Evaristo é exemplar no sentido de demonstrar como a narrativa de vivências semelhantes incentiva novas perspectivas de vida para a sua geração e as próximas. Assim, “a memória e o relato da história se transformam em lição, explicando o mundo e orientando a vida” (EVARISTO, 2006, p. 8). Ainda de acordo com a autora,

[...] quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos. Minha mãe leu e se identificou tanto com o Quarto de Despejo, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela. (EVARISTO, 2009)

Diante da imagem de escritora de Carolina Maria de Jesus, que alcançou um lugar de destaque na literatura brasileira ainda no período da infância de Conceição, a autora pôde se espelhar e, a partir disso, construiu sua trajetória.

Um caso exemplar dessa influência que intelectuais feministas negras possuem sobre a atuação de mulheres negras brasileiras é o relato de Elena, mulher negra, militante LGBTTI que fez parte da minha pesquisa com mulheres idosas. Pertencente a uma família de intelectuais negros cariocas, a historiadora, especialista em gênero e raça, se engajou no movimento negro na década de 1970, incentivada pelos debates acadêmicos e referenciais de teoria e prática política, como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Sobre o início da trajetória de militância de Elena:

Eu começo minha trajetória ali no debate antirracista do Instituto de Pesquisa de Cultura Negra do Rio de Janeiro (IPCN), entre 1974 e 1985. Daí eu fui deslanchando, eu fui lendo e me interessei pela questão e começo a ler, a ler, a ler... e conheço Lélia Gonzalez pessoalmente e Beatriz Nascimento, essas mulheres tornam-se referências naquela época elas eram as nossas referências de mulheres (Elena, 68 anos, Curitiba - PR, 16/05/2019).

Além de reconhecer que Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento foram suas referências na consolidação de seu ativismo político, Elena cita Neusa Santos Souza, em sua obra intitulada “Tornar-se Negro” (SOUZA, 1983), como referência para o movimento que fazia parte e como responsável pelo seu processo de conscientização da identidade de mulher negra. O relato da historiadora ressalta a importância da formação de referenciais ideológicos, tal como apontou Collins (2016), para sua formação como ativista e liderança negra no país.

A possibilidade de formação de uma liderança negra no Brasil passa, portanto, pelo contexto de consolidação de um movimento político que difunde uma narrativa agregadora, que possibilita referenciais teóricos de compreensão da vida em sociedade. Elena, assim como Conceição, Lélia, Sueli e Beatriz, possui uma trajetória marcada pela militância no movimento negro desde a juventude, por meio da elaboração de um significado identitário para sua vida. Ela fortaleceu sua militância até que o amadurecimento como intelectual e ativista a transformou em uma liderança nos movimentos sociais de que faz parte.

Com base na narrativa elaborada por semelhantes dentro de um movimento político, observamos essas mulheres, que atualmente são referenciais de liderança negra no Brasil, colhendo os frutos da construção de um discurso de ação política e social que é difundido desde os anos de 1970 pelo Movimento Negro Brasileiro.

Considerações finais

Neste artigo busquei destacar como a escrita de vivências se relaciona com a formação de feministas negras no Brasil e pontuo que essa afirmação só é possível pela aproximação do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo à escrita etnográfica. Esse movimento revela que a análise social – assim como a produção de Conceição e de outros artistas e intelectuais que desenvolvem métodos e técnicas de retratar o mundo – deve tocar seu público sob uma perspectiva plural e cotidiana e deve considerar que formam concepções, produtos da estrutura social, que estão expostas às interferências e envolvimento da nossa autoria, portanto, não são neutras, embora continuem sendo objetivas. Dada essa característica, a escrita de vivências pode influenciar na organização sociocultural de grupos políticos ou, pelo menos, construir referenciais para o pensamento social.

Referências

- BOSI, Ecléia. Lembranças de Família. In: _____. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 3º Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.423-433.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça na sociedade brasileira. In: _____. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Letramento, 2018.
- COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a outsider *within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em: 28 mar 2021.
- EVARISTO, Conceição. Escrevivências da Afro-Brasildade: história e memória. In: _____. **Releitura**. Belo Horizonte, 2006, v. 1. p. 5-11.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. **Blog Literafro**. 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 19 mar 2021.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20C%20A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em 28 mar 2021.
- MANNHEIM, Karl. O problema do intelectual. In: FORACCHI, Marialice M.; FERNANDES, Florestan. **Karl Mannheim**. São Paulo: Ática, 1982.
- MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, 1996, v. 39.
- PERROT, Micheli, Práticas de memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, 1989, v. 9, n. 18, p 09-18.
- PHILLIPS, Anne. De uma política de ideias a uma política de presença?. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 2001, v. 9, n. 1, p. 268-90.
- RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana;

- GROSSI, Miriam (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SIMMEL, Georg. “O âmbito da sociologia.” In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SIMMEL, Georg. “O nível social e nível individual”. In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1979.
- SOARES, Iraneide da Silva. Caminhos, pegadas e memórias: uma história social do movimento negro brasileiro. **Universitas: Relações Internacionais**, 2016, v. 14, n. 1.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.